

Cadernos Teologia Pública

Política e perversão: Paulo segundo Žižek

Adam Kotsko

ISSN 1807-0590

ano XI • número 88 • volume 11 • 2014

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

 JESUITAS

 UNISINOS
Somos Infinitas possibilidades

Política e perversão: Paulo segundo Žižek
Politics and Perversion: Situating Žižek's Paul

Adam Kotsko
Shimer College

Resumo

A partir do livro de Alain Badiou intitulado *São Paulo: a fundação do universalismo*, Slavoj Žižek, em seu livro *A Marionete e o Anão: o cristianismo entre perversão e subversão*, analisa a questão da lei no Capítulo 7 da Carta de Paulo aos Romanos. O autor do presente artigo, Adam Kotsko, apresenta a interpretação da posição de Paulo sobre a lei segundo Badiou, criticada por Žižek. Finalmente, o presente artigo busca compreender o argumento de Žižek em *A Marionete e o Anão*.

Palavras-chave: teologia, cristologia, lei, Paulo, Hegel, Lacan, Slavoj Žižek, Alain Badiou, Giorgio Agamben.

Abstract

From the book of Alain Badiou entitled *São Paulo: the foundation of universalism*, Slavoj Žižek, in his book *The Puppet and the Dwarf: the perverse core of christianity*, examines the issue of the law in Chapter 7 of the Letter of Paul to the Romans. The author of this article, Adam Kotsko, presents the interpretation of Paul's position on the law according to Badiou, that has been criticized by Žižek. Finally, this article seeks to understand the argument of Žižek in *The Puppet and the Dwarf*.

Keywords: theology, christology, law, Paul, Hegel, Lacan, Slavoj Žižek, Alain Badiou, Giorgio Agamben.

Política e perversão: Paulo segundo Žižek

Precedido pelo ensaio **“Como ler Žižek”**
e seguido da entrevista **“Žižek e a tentativa
radical de repensar a tradição cristã”**

Adam Kotsko
Shimer College

Tradução: Luis Marcos Sander

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *José Ivo Follmann, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Gerente administrativo: *Jacinto Schneider*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XI – Vol. 11 – Nº 88 – 2014

ISSN 1807-0590 (impresso)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Renato Ferreira Machado; Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Unilasalle, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Profa. Dra. Edla Eggert, Unisinos, doutora em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PUCRS, doutor em Teologia; Profa. MS Maria Helena Morra, PUC Minas, mestre em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, ESTRS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Caio Fernando Flores Coelho.

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração eletrônica: Rafael Tarcísio Forneck

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos, – Ano 1, n. 1 (2004)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004- . v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>> .

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014).

ISSN 1807-0590

1. Teologia 2.Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

Sumário

1. Como ler Žižek.....	5
<i>Ensaio especial de Adam Kotsko</i>	
2. Política e perversão: Paulo segundo Žižek.....	16
<i>Artigo especial de Adam Kotsko</i>	
3. Žižek e a tentativa radical de repensar a tradição cristã.....	26
<i>Entrevista especial com Adam Kotsko, por Márcia Rosane Junges</i>	

Apresentação

Nesta edição dos Cadernos Teologia Pública, publica-se um artigo inédito para a língua portuguesa do teólogo norte-americano Adam Kotsko, professor do Shimer College, Chicago, publicado por *Journal for Cultural and Religious Theory – JCRT*, em 2008. O artigo é precedido por um texto introdutório que serve de guia para a leitura das obras de Žižek, publicado na *Los Angeles Review of Books*, em setembro de 2012. Na sequência, apresenta-se uma entrevista com Kotsko publicada na revista *IHU On-line* n° 431, de novembro de 2013.

Como ler Žižek

Adam Kotsko

Shimer College

Slavoj Žižek, um filósofo e psicanalista da Eslovênia, é um dos poucos acadêmicos que atingiu um certo grau de popularidade genuína entre o público em geral. Ele dá regularmente palestras para grandes plateias, é assunto de um documentário (chamado simplesmente *Žižek!*) e certamente é tido como um dos mais visíveis defensores de ideias de esquerda do mundo. Quando Žižek irrompeu pela primeira vez no cenário acadêmico de fala inglesa, entretanto, provavelmente poucas pessoas teriam previsto tal sucesso. Por um lado, sua pesquisa focava um tema pouco promissor: o campo – há muito negligenciado – da crítica da ideologia, um dos principais elementos da crítica cultural marxista que tinha se eclipsado à medida que o marxismo se tornava menos central para a vida intelectual do Ocidente na segunda metade do século XX.

Ideologia é um daqueles termos filosóficos que entrou no discurso cotidiano com um sentido empobrecido.

Assim como “desconstrução” significa pouco mais do que “análise detalhada” no uso popular, “ideologia” tende a designar um conjunto de crenças, na maioria das vezes com conotações de inflexibilidade ou fanatismo. Voltando às percepções da teoria marxista, Žižek sustentou em seu livro *O sublime objeto da ideologia*¹, de 1989, que a ideologia não se encontra em nossas opiniões ou convicções conscientes, mas em nossas práticas cotidianas. As opiniões expressas são importantes, mas elas servem como sintomas a serem interpretados, e não como afirmações a serem entendidas ao pé da letra.

Digamos, por exemplo, que estamos lidando com alguém que expresse concepções racistas. Em vez

1 O sublime objeto da ideologia, aqui traduzido literalmente a partir de *The Sublime Object of Ideology*, título original do livro de Žižek de 1989. No Brasil, o texto foi publicado por Jorge Zahar Editor: ŽIŽEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

de argumentar diretamente contra o que a pessoa está dizendo, Žižek recomenda que procuremos contradições sintomáticas. Para a pessoa antissemita, por exemplo, parece que os judeus conseguem ser exploradores arqui-capitalistas e subversivos bolcheviques, excessivamente vinculados à sua tradição demasiado particular e cosmopolitas desarraigados que solapam as tradições nacionais. De modo semelhante, na ideologia dos estados americanos sulistas na Era Jim Crow, os negros eram apresentados simultaneamente como inocentes semelhantes a crianças que necessitavam da orientação dos brancos e como predadores sexuais brutais e, nos Estados Unidos de hoje, os imigrantes mexicanos são vistos ao mesmo tempo como preguiçosos que oneram nosso sistema de bem-estar social e como trabalhadores compulsivos que estão roubando todos os nossos empregos.

Essas contradições não mostram que a ideologia seja “irracional” – o problema é exatamente o contrário: há *razões demais* que apoiam as opiniões dessas pessoas. Žižek sustenta que essas racionalizações amontoadas demonstram que alguma outra coisa está acontecendo aqui.

Uma sensação semelhante de que alguma outra coisa está acontecendo aqui sempre me sobrevém quando leio uma resenha da obra de Žižek na mídia domi-

nante². Ora, os acadêmicos geralmente são maltratados na grande imprensa, particularmente se lidam com conceitos abstratos e fazem referência a muitos filósofos europeus. Mas há algo especial no tratamento dispensado a Žižek. Naquilo que se tornou uma espécie de ritual, o leitor ou a leitora de uma resenha da obra de Žižek sempre fica sabendo que Žižek é, ao mesmo tempo, enormemente perigoso em termos políticos e um palhaço sem qualquer programa político, um apologista dos piores excessos do comunismo do século XX e um reacionário totalmente direitista, um intelectual de esquerda famoso no mundo inteiro e um antissemita que rivaliza com o próprio Hitler.

Está claro que estamos às voltas com uma tentativa de inocular o leitor ou a leitora contra as ideias de Žižek. O objetivo não é tanto expor as ideias de Žižek e ponderar os méritos delas, e sim ajudar o leitor ou a leitora a se sentir à vontade ao descartá-las. Isso é idêntico ao tratamento de pensadores e movimentos de esquerda entre as pessoas automeadas liberais razoáveis – eles são sempre, simultaneamente, risíveis e perigosos, de-

2 Um exemplo recente é <http://www.nybooks.com/articles/archives/2012/jul/12/violent-visions-slavoj-zizek/?pagination=false>, uma resenha de dois livros de Žižek feita por John Gray no *New York Review of Books*, à qual Žižek respondeu em <http://www.versobooks.com/blogs/1046-not-less-than-nothing-but-simply-nothing>.

sorganizados e totalitários, movidos por uma devoção fanática a ideais que estão, ao mesmo tempo, apenas usando como cortina de fumaça para encobrir seu ódio obsessivo e sua sede de poder. A mensagem, em cada caso, é clara: *não há alternativa*.

Essa tentativa de encerrar o debate sobre a estrutura básica de nossa sociedade é o que torna isso mais do que meramente um caso de um pobre acadêmico incompreendido no qual se está batendo em praça pública. O desastre retumbante do capitalismo contemporâneo – guerra, crise, hipereexploração dos trabalhadores, catástrofe ambiental iminente – exige que pensemos de maneira ousada e criativa para desenvolver alguma espécie de alternativa suportável. A obra de Žižek, quando lida de modo cuidadoso e crítico, fornece-nos ferramentas valiosas para enfrentar os impasses de nossa situação atual. Temos o dever para conosco mesmos de não descartá-lo liminarmente.

Meu objetivo aqui não é responder a todos os ataques desvairados que Žižek gerou entre os liberais razoáveis. Žižek pode falar por conta própria nesse sentido, e, de qualquer maneira, as acusações são tão autocontraditórias que a refutação de uma fatalmente será entendida como a aceitação da oposta (“Certo, então ele não é um ideólogo de direita – então você *admite* que ele anseia por expurgos estalinistas brutais!”). Em vez disso, gosta-

ria de me contrapor à inoculação dando a espectadores curiosos alguma orientação sobre como *efetivamente ler* a obra de Žižek.

O maior obstáculo com que se defronta o leitor ou a leitora da obra de Žižek não é a decoração acadêmica – os termos técnicos, as referências a outros pensadores, etc. –, mas um estilo de escrita que desafia as convenções. Falando em termos gerais, a expectativa geral da escrita argumentativa é de que ela vá expor uma cadeia mais ou menos direta de razões que sustentem uma afirmação central clara. Embora reconheçamos que esse formato jamais seja encontrado em sua forma pura, ele continua sendo uma espécie de ideal, como demonstra o fato de que tanto os liberais quanto os conservadores se deleitam em pegar seus oponentes em contradições e outras falácias lógicas.

Tendo em vista esse padrão, a escrita de Žižek pode parecer muito estranha – é difícil distinguir qualquer coisa semelhante a uma “afirmação tética”, e na maioria das vezes a argumentação avança por meio de saltos intuitivos e não por cadeias compactas de raciocínio. Isso se aplica até mesmo a textos que não são totalmente acadêmicos, e essa é, sem dúvida, uma das razões pelas quais a obra é tão frequentemente mal compreendida. Uma coisa que espero mostrar aqui, entretanto, é que seu método combina com seus

objetivos e com os tipos de fenômenos que ele está tentando descobrir.

Para as pessoas que gostariam de um panorama mais abrangente, já escrevi um livro, intitulado *Žižek and Theology*³, em que tento explicar as continuidades e descontinuidades em sua obra (usando seu súbito interesse intenso pela teologia cristã no início dos anos 2000 como uma espécie de foco). Aqui, vou me limitar a salientar alguns padrões recorrentes que me parecem úteis para as pessoas que querem pegar um texto específico de Žižek e simplesmente começar a lê-lo.

Mais uma vez, minha preocupação aqui não é uma tentativa puramente acadêmica de “boçar as coisas nos devidos lugares” – embora a obra de Žižek possa ser, inicialmente, difícil de se entrar, ele é um dos mais envolventes e instigantes autores que trabalham na filosofia atualmente, com uma capacidade singular de fazer as pessoas ficarem empolgadas com a filosofia e a teoria crítica. Ele é, em suma, uma porta de entrada para o mundo das drogas, e eu sou o vendedor delas.

I

Já em minhas breves palavras sobre a ideologia, transparece um dos mais consistentes traços da obra

3 KOTSKO, Adam. *Žižek and Theology*. New York: T & T Clark, 2008.

de Žižek: sua fascinação por contradições e inversões. Frequentemente, Žižek apresenta o que considera uma crença comumente aceita, depois se vira e pergunta: “Mas será que não é exatamente o contrário que é o caso?!” Mas, ao continuar a leitura, muitas vezes começa a parecer que a concepção contrária afirmada de modo vigoroso não é exatamente a concepção do próprio Žižek. Talvez ela não passe por mais uma inversão drástica, mas também acaba sendo questionada – com o surpreendente resultado de que a primeira concepção ingênua começa a afigurar-se, de algum modo, um pouco menos ingênua no final.

A inversão inicial pode, às vezes, parecer, de maneira alarmante, como um contrarianismo barato, à la Christopher Hitchens, em particular porque os escritos políticos de Žižek frequentemente começam com uma concepção liberal dominante e depois afirmam uma concepção que parece muito mais de direita. Entretanto, a finalidade não é simplesmente “provocar” os liberais ou bancar o advogado do diabo. Essas inversões fazem parte, antes, de uma estratégia para manter o pensamento em movimento. Em vez de propor uma solução ou encontrar um lugar de descanso, Žižek busca inexoravelmente outros conflitos e contradições, executando o que Marx chamou de “a crítica implacável de tudo que existe”. O objetivo não é chegar a uma concepção

assentada, mas alcançar maior clareza sobre o que está realmente em questão, sobre que conflito está realmente em jogo em um determinado debate.

E um conflito é o que está *sempre* em jogo, porque, para Žižek, a sociedade está sempre dividida por conflito e contradição. Essa é a razão pela qual a ideologia apresenta respostas mutuamente conflituosas – ela está respondendo a uma realidade subjacente que é inerentemente contraditória, uma luta tão profunda e irreconciliável que não pode ser expressa diretamente em palavras. Com efeito, Žižek vai um passo além e sustenta que toda a realidade está dividida por conflitos internos. Não há nada que seja um todo completo e harmonioso, desde os quarks até o mais abstrato ideal filosófico. Nada é inerentemente estável, mas apenas estabilizado. Em outras palavras, não é que haja primeiramente posições que depois entram em conflito – todas as nossas posições equivalem a uma espécie de “precipitação radioativa” de nossas tentativas de gerir esse conflito que, em última análise, não é passível de gestão.

Permanecendo fiel à tradição marxista, Žižek crê que o nome mais apropriado para designar o conflito que está no cerne da sociedade moderna é “luta de classes”. Neste caso particular, deveria estar claro que a “luta” não é entre duas realidades preexistentes (a classe trabalhadora e a classe dos capitalistas ou proprietários)

que, por acaso, entram em alguma espécie de conflito. Obviamente havia pessoas que “trabalhavam” antes do capitalismo, mas a classe trabalhadora como uma população massiva de trabalhadores que precisam vender sua força de trabalho para sobreviver só surgiu em decorrência do desenvolvimento capitalista. De modo semelhante, embora houvesse pessoas ricas antes do capitalismo, uma classe de pessoas que reivindicam o direito de extrair lucros de empresas fazendo uso dessa força de trabalho “livre” é historicamente distinta das formas pré-capitalistas de gerar e manter a riqueza.

Essas duas classes são, portanto, a “precipitação radioativa” do capitalismo, que é, ele próprio, conflituoso por natureza. Há muitas formas de conceber a contradição inerente ao capitalismo. Poder-se-ia, por exemplo, apontar para o conflito insolúvel de incentivos de curto prazo que produzem destruição no longo prazo, ou a contradição entre trabalhadores como produtores (cujos salários precisam ser mantidos tão baixos quanto possível) e consumidores (cuja renda disponível precisa ser suficiente para comprar tudo que os proprietários estão vendendo). Entretanto, o que torna a crítica do capitalismo tão urgente para Žižek, o que faz dela mais do que simplesmente uma questão de como reformar instituições ou direcionar incentivos, é o conflito de um sistema que exige crescimento sem fim ao mesmo tempo que

coloniza e, em última análise, destrói toda outra forma de valor – chegando até e incluindo a própria base física para sua existência, o mundo natural.

Dentre todas essas contradições, por que “luta de classes” é a mais importante para Žižek? É porque o nome “luta de classes” enfatiza o fato de que as contradições do capitalismo produzem duas concepções completamente incompatíveis e conflituosas do mundo – a diferença entre o explorado e o explorador não é uma diferença de opinião, mas um marco completamente diferente. Não é o caso que pessoas razoáveis de “ambos os lados” possam se reunir e elaborar uma solução conciliatória que leve em conta os interesses de todos. O “ponto intermediário” é um abismo intransponível, e a ideologia representa nossas tentativas de dissimular ou ignorar esse abismo.

Então quando pessoas nos EUA produzem a visão do imigrante mexicano como dependentes da previdência social ou como viciados em trabalho, não pode ser um conflito entre culturas, porque, para Žižek, isso implicaria culturas preexistentes, mais ou menos estáveis ou homogêneas que primeiro existem e então, subsequentemente, entram por acaso em conflito. Tampouco pode se tratar de mexicanos que vêm para os EUA e perturbam o equilíbrio de nossa cultura local, porque, para início de conversa, esse equilíbrio nunca existiu. Não, o conflito tem a ver, em última análise, com a exploração capitalis-

ta. Falando francamente, os mexicanos não estão tirando nossos empregos – os proprietários estão fazendo todo o possível para cortar salários, sem consideração para com as comunidades que dependem desses empregos.

II

O exemplo da imigração demonstra que o conflito jamais é verdadeiramente eliminado, mas pode ser deslocado. Em casos como esse, a tarefa do crítico é deslocar o conflito *de volta* para seu lugar propriamente dito. Visto que a argumentação direta pressupõe um marco de referência compartilhado, ela não é uma ferramenta adequada para executar a espécie de deslocamento de marco que Žižek está tentando alcançar. São necessários métodos mais indiretos.

Uma das táticas primordiais usadas por Žižek para deslocar o marco de referência é a superidentificação. Essa estratégia surge de sua experiência sob o regime comunista na Iugoslávia. Observando a vida política de seu país, Žižek chegou a uma percepção paradoxal: o fato de que ninguém “realmente” acreditava na ideologia socialista oficial não era um obstáculo para os governantes – essa distância cínica fazia parte da estratégia deles para manter o controle. Nessa situação, propôs ele, a melhor

forma de resistir era tomar a ideologia dominante ao pé da letra, exigindo ingenuamente que os líderes cumpram a promessa de seus ideais.

A situação política no Ocidente contemporâneo não é tão simples como era em um país comunista, mas Žižek continua a executar uma versão dessa estratégia de superidentificação em seus escritos políticos. Seu diagnóstico da situação política básica se encontra em seu livro *Tarrying With the Negative*⁴, de 1993, onde ele sustenta que os líderes políticos liberais dominantes são fundamentalmente cúmplices do nacionalismo de direita, usando-o como ferramenta em sua tentativa de manter o *status quo* capitalista. Por um lado, irrupções e movimentos de direita servem como distrações úteis, desviando a energia das pessoas do problema real (pessoas que, de outro modo, estariam se insurgindo contra o salvamento financeiro de bancos estão exigindo ver a certidão de nascimento de Obama, etc.). Por outro lado, eles servem como uma ameaça sempre presente, como nas exigências⁵ de que os eleitores gregos aprovassem o programa da UE e do FMI, para que o fascismo não assolasse o país. Podem-se ver os dois lados dessa di-

4 ŽIŽEK, Slavoj. *Tarrying with the Negative: Kant, Hegel, and the Critique of Ideology*. Durham: Duke University Press, 1993.

5 Conforme ŽIŽEK. *Save us from the saviours*. In: <http://www.lrb.co.uk/v34/n11/slavoj-zizek/save-us-from-the-saviours>.

nâmica na estratégia política do Partido Democrata: por um lado, seus integrantes precisam fazer continuamente concessões infelizes à direita política com base em um suposto “realismo”, mas, por outro, eles se apresentam como a única coisa que nos separa do horror nu e cru de um governo do Tea Party.

Nessa situação, em que os liberais admitem continuamente que a direita está expressando “preocupações legítimas”, Žižek diz essencialmente: sim, eles estão expressando preocupações legítimas, mas *não aquelas que acham que estão expressando*. Voltando ao exemplo da imigração, Žižek concordaria que as irrupções de direita deveriam ser levadas a sério – não como sinais da necessidade de uma cultura mais homogênea, ou de preservar empregos americanos, ou de impedir estrangeiros de sobrecarregar o Estado de bem-estar social, mas como sintomas das contradições disruptivas do capitalismo. Assim, ele desloca o marco para se centrar no conflito reprimido ou negado do capitalismo.

De modo semelhante, quando os liberais reconhecem que os conservadores têm algo a dizer sobre a necessidade de preservar “a tradição europeia” ou “a herança cristã”, Žižek concorda que eles realmente têm algo a dizer: nós certamente precisamos preservar a tradição europeia da revolução radical e a herança cristã da igualdade radical! Neste caso, ele subverte a

dinâmica familiar dos liberais na defesa contra exigências conservadoras, fazendo com que o conflito deixe de ser um conflito entre liberais e conservadores e passe a ser o conflito que está no cerne da própria tradição cultural.

Essa estratégia de superidentificação – que pode ser resumida na vertiginosa fórmula: “Sim, concordo inteiramente, *mas será que na verdade você não está completamente equivocado?!*” – pode ser difícil de acompanhar, mas produz deslocamentos e sacudidas que não poderiam ser facilmente produzidos de outra maneira.

III

O procedimento indireto de Žižek no sentido de examinar e derrubar as ideias de outras pessoas, em vez de expressar diretamente o que quer salientar, combina com sua visão da sociedade (e de toda a realidade) como inerentemente conflituosa. Se é assim que as coisas são, faz sentido tentar elaborar os conflitos inerentes de algum pensador ou texto em vez de proceder como se a realidade fosse um todo simples que pode ser descrito diretamente.

Em seus textos mais acadêmicos, o método de Žižek de examinar as ideias de outras pessoas ocorre em dois níveis. O primeiro é que ele está quase sempre em diálogo com alguma interpretação recebida ou com um trabalho acadêmico específico sobre o pensador ou fenômeno que está discutindo. Mesmo no caso dos pensadores que são os mais importantes para seu próprio pensamento, ele sempre recorre ao diálogo ou à polêmica, em vez de simplesmente propor sua leitura e os indícios que a apoiam. De modo semelhante, ao tentar conceber a natureza inerentemente conflituosa da realidade, basicamente ele nunca expõe sua própria concepção diretamente, mas a faz passar pelos grandes pensadores da contradição, sobretudo o filósofo idealista alemão G. W. F. Hegel e o psicanalista francês Jacques Lacan – dois pensadores cujo procedimento também se dá através do diálogo e cujas concepções “próprias” são notoriamente difíceis de decifrar.

Esse acoplamento de Lacan e Hegel é absolutamente crucial para Žižek. Com efeito, na introdução à sua mais recente obra importante, *Menos que nada*⁶, sustenta que, para ele e seus companheiros intelec-

6 ŽIŽEK, Slavoj. *Menos que Nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013.

tuais mais chegados, “independentemente do que estivéssemos fazendo, o axioma subjacente era que ler Hegel através de Lacan (e vice-versa) era nosso horizonte insuperável”. Parte do que ele faz em *Me-nos que nada* é examinar algumas das limitações que ele e seus amigos encontraram ao tentarem examinar essa estranha junção de Lacan e Hegel – mas, não obstante, uma maneira prática de ler Žižek é supor que, para ele, Lacan e Hegel sempre têm razão (ou ao menos a segunda concepção, mais adequada, que ele apresenta sempre tem razão...). Outros pensadores também são cruciais para ele – particularmente Marx, outro grande pensador da contradição que operava primordialmente na modalidade da crítica –, mas nenhum tanto quanto esses dois.

Entretanto, dever-se-ia enfatizar que essa combinação é, de muitas formas, contraintuitiva, ou seja, contrária ao que se espera intuitivamente, nem que seja só porque o próprio Lacan é muito desconfiado em relação à filosofia de Hegel, sobretudo justamente nas obras que são as mais importantes para Žižek. Isso está longe de ser o único exemplo de uma junção contraintuitiva na obra de Žižek – poder-se-ia dizer que essas junções “vão de A a Z”. Por exemplo, um de seus primeiros livros tem o título *Tudo o que você sempre quis saber sobre Lacan (mas tinha medo de*

*perguntar a Hitchcock)*⁷, que se dedica a explicar os conceitos psicanalíticos de Lacan por meio dos filmes de Hitchcock. De modo semelhante, ele pode juntar Kant com *Blade Runner*, o caçador de andróides ou Schelling com *Lassie em casa*, pode explicar Hegel por meio de uma piada obscena e pode terminar um livro sobre o potencial subversivo do cristianismo com uma meditação sobre um confeito barato com um brinquedo dentro (o “Kinder Ovo”). Literalmente nada está abaixo de sua atenção, e até mesmo os mais banais fenômenos podem ser diretamente vinculados às altas reflexões filosóficas.

Assim, podemos dizer que Žižek não se limita à superidentificação em sua tentativa de produzir deslocamentos de marco que possam revelar melhor esses conflitos: ele também opera por “curtos-circuitos”, junções inesperadas que produzem percepções surpreendentes. Isso se reflete em sua explicação da lógica que está por trás da série da editora do MIT da qual ele é editor, chamada “Curtos-Circuitos”. Ela é dedicada a junções contraintuitivas, mas, como indica o título, o objetivo não é mostrar como os dois campos estão “efetivamente” co-

7 Publicado em inglês como ŽIŽEK, Slavoj. *Everything You Always Wanted to Know about Lacan: (but Were Afraid to Ask Hitchcock)*. New York: Verso, 1992.

nectados de uma maneira não percebida anteriormente. Em vez disso, diz ele, “depois de ler um livro desta série, o leitor ou a leitora não deveria simplesmente ter aprendido algo novo; a ideia é, antes, tornar o leitor ou a leitora consciente de outro lado – perturbador – de algo que sabia o tempo todo”. O mesmo poderia ser dito a respeito da obra de Žižek em seu conjunto: a ideia não é tanto aprender sobre um tema, mas ser sacudido para entrar em uma perspectiva nova (e de fato perturbadora) sobre um tema conhecido.

IV

Esse processo de superação de deslocamentos de marco por meio da superidentificação e de curtos-circuitos não é simplesmente um fim em si mesmo. Assim como no caso de Marx, a “crítica implacável de tudo que existe” proposta por Žižek não critica “os dois lados” em um conflito do mesmo modo. *As contradições são sempre assimétricas*. No conflito entre os capitalistas e os trabalhadores, por exemplo, não se trata de dois pontos de vista diferentes, igualmente limitados. No curto-circuito último, a posição particular dos trabalhadores representa a “verdade” de toda a situação. Para os proprietários, fundamentalmente não há con-

flito – são eles os encarregados, e o são com razão, e qualquer conflito é, em última análise, solucionável –, ao passo que o trabalhador *encarna* a contradição do capitalismo. De modo semelhante, a relação entre homens e mulheres em nossa sociedade dominada pelos homens não pode ser explicada em termos de papéis complementares estáveis para os dois sexos – em outro curto-circuito, a posição da mulher revela diretamente a contradição central em torno da qual a sociedade inteira está estruturada.

Em suma, para Žižek, *é preciso* tomar partido para ter acesso à verdade. A verdade não é “universal” no sentido tradicional de se aplicar da mesma maneira em toda situação – cada situação tem sua própria verdade. Em *Menos que nada*⁸, Žižek explica essa dinâmica em termos da relação entre o universal e o particular, um tema que têm fascinado os filósofos por séculos. Ao passo que normalmente talvez vejamos um “universal” como um ideal inalcançável, como justiça ou democracia, do qual sempre temos de tentar nos aproximar em nossas circunstâncias particulares, Žižek adota a concepção oposta: as sociedades particulares não são inadequadas em comparação com o univer-

8 ŽIŽEK, Slavoj. *Menos que Nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013.

sal, mas a própria ideia do universal surge a partir das inadequações inerentes de cada sistema particular. Em outras palavras, a dimensão verdadeiramente universal não é o ideal nobre, mas a queixa – o que nos une não é nossa devoção a ideais elevados e valores humanos profundos, mas o fato de que o mundo está uma droga, em toda parte.

Žižek não oferece a esperança utópica da eliminação de todo conflito – com efeito, ele crê que nossa era supostamente “pós-ideológica” é cegada pela esperança verdadeiramente utópica de que, em princípio, todos os conflitos genuínos tenham sido resolvidos e o sistema do capitalismo liberal-democrático possa continuar mais ou menos para sempre. O que Žižek espera, ao rastrear a contradição que está no cerne de nossa sociedade e se identificar com a classe que a encarna, não é que o mundo não esteja mais uma droga, mas que ele não esteja mais uma droga *dessa maneira particular*, que não fiquemos mais pre-

so *neste círculo vicioso particular*, que possamos, de algum modo, encontrar uma forma de parar de buscar freneticamente racionalizações para nossas fixações autodestrutivas e fazer alguma outra coisa – em suma, de nos levar aos solavancos à percepção de que *há* uma alternativa.

Referências Bibliográficas

- KOTSKO, Adam. *Žižek and Theology*. New York: T & T Clark, 2008.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Everything You Always Wanted to Know about Lacan: (but Were Afraid to Ask Hitchcock)*. New York: Verso, 1992.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Tarrying with the Negative: Kant, Hegel, and the Critique of Ideology*. Durham: Duke University Press, 1993.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Menos que Nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013.

Política e perversão: Paulo segundo Žižek

Adam Kotsko
Shimer College

Não fica imediatamente claro o que é distintivo na interpretação de Paulo proposta por Slavoj Žižek. Isso se deve, em primeiro lugar, ao contexto em que têm lugar suas leituras primordiais de Paulo. Em *O sujeito incômodo*⁹, Žižek discute Paulo no decorrer de uma crítica da filosofia de Alain Badiou e, particularmente, de seu livro *São Paulo: a fundação do universalismo*¹⁰, mas Paulo em

si mesmo não está em questão para Žižek a essa altura, deixando ambígua sua própria posição sobre Paulo. Žižek volta-se mais uma vez a Paulo em *A marionete e o anão*¹¹, especificamente em meio a uma crítica não muito clara do livro de Agamben intitulado *O tempo que resta*¹², porém mais amplamente no contexto de uma interpretação do Cristianismo Efetivamente Existente, em que Paulo serve

9 ŽIŽEK, Slavoj. *The Ticklish Subject: The Absent Core of Political Ontology*. New York: Verso, 1999. Versão para língua portuguesa: ŽIŽEK, Slavoj. *O Sujeito Incômodo: O centro ausente da ontologia política*. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

10 BADIOU, Alain. *St. Paul: The Foundation of Universalism*. Trad. Ray Brassier. Stanford: Stanford UP, 2003. Ou na versão em língua portuguesa: BADIOU, Alain. *São Paulo: a fundação do universalismo*. Tradução de Wanda Caldeira Brant e posfácio de Vladimir Safatle. São Paulo: Boitempo, 2009, 144pp.

11 ŽIŽEK, Slavoj. *The Puppet and the Dwarf: The Perverse Core of Christianity*. Cambridge: MIT Press, 2003. Ou na tradução feita para Portugal: ŽIŽEK, Slavoj. *A marionete e o Anão: o cristianismo entre perversão e subversão*. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.

12 AGAMBEN, Giorgio. *The Time That Remains: A Commentary On The Letter To The Romans*. Trad. Patricia Dailey. Stanford: Stanford UP, 2005. Ou na versão em língua espanhola: AGAMBEN, Giorgio. *El Tiempo Que Resta: Comentario a La Carta a Los Romanos*. Madrid: Trotta Editorial, 2006.

como o ponto do surgimento do cristianismo a partir do judaísmo¹³. O argumento em *A marionete e o anão* também apresenta uma camada adicional de complexidade na medida em que Žižek traça paralelos contínuos entre o cristianismo e a história soviética, com base na analogia Paulo:cristianismo::Lenin:Stalin.

É aqui que surge outra possibilidade de mal-entendido, além da necessidade de discernir a posição positiva implícita de Žižek sobre Paulo a partir de sua crítica da interpretação de outrem. Como Žižek é muitas vezes visto (erroneamente, em minha opinião) como advogado ou popularizador da filosofia de Badiou, poder-se-ia supor que a crítica de Agamben feita por Žižek se resume a uma simples reafirmação da leitura de Paulo proposta por Badiou. Não é esse o caso. Com efeito, a leitura de Paulo que Žižek apresenta em *A marionete e o anão* é, ao menos implicitamente, uma crítica da leitura de Badiou e – o que é mais importante – Žižek representa um avanço significativo em relação à leitura de Badiou, particularmente no tocante à questão da lei em Romanos 7. Para sustentar essa afirmação, de início esboçarei brevemente a interpretação da posição de Paulo so-

13 Paulo também aparece algumas poucas vezes em *Visão em paralaxe* (*The Parallax View*, Cambridge: MIT Press, 2006), mas essas referências não representam um desenvolvimento significativo para além da posição a que Žižek chega em *A marionete e o anão*.

bre a lei que encontramos em Badiou e depois passarei à crítica de Badiou feita por Žižek em *A marionete e o anão*. Finalmente, dedico-me à tarefa de compreender o argumento de Žižek em *A marionete e o anão*.

No livro *São Paulo: a fundação do universalismo*¹⁴, Badiou organiza o capítulo “Paulo contra a lei” em torno de cinco oposições paralelas: fé *versus* obras, graça *versus* lei, espírito *versus* carne, vida *versus* morte e universalidade *versus* particularidade. O primeiro membro de cada par é o que Paulo está supostamente defendendo, e no argumento de Badiou qualquer um dos termos de um dos lados pode substituir qualquer um dos outros do mesmo lado – assim, a lei se opõe à graça, antes de tudo, porque a graça é necessariamente universal. Isso porque a graça só seria verdadeiramente gratuita se fosse aplicada a todas as pessoas. Entretanto, “para Paulo, a lei sempre designa uma particularidade e, portanto, uma diferença”¹⁵. Com efeito, é só no contexto da oposição entre universalidade e particularidade que Badiou trata *diretamente* da oposição entre graça e lei. A lei lida com a esfera de direitos, de salários, do Estado – a graça, em contraposição a isso, “vem *sem ser devida*”

14 BADIOU, Alain. *St. Paul: The Foundation of Universalism*. Trad. Ray Brassier. Stanford: Stanford UP, 2003.

15 *Ibid.*, p. 76.

e é “comunista”¹⁶. Na medida em que a graça excede a lei, ela também excede o pecado, que depende do desejo gerado pela lei: “A lei é o que dá vida ao desejo. Mas, ao fazer isso, ela obriga o sujeito de modo que ele só quer seguir o caminho da morte”¹⁷. O pecado coloniza a vida do sujeito, transformando-a numa morte em vida – o objetivo da redenção é reverter isso, de modo que o pecado como desejo repetitivo “ocuparia o lugar da morte”¹⁸.

O pecado erra não em romper a lei, mas justamente em não romper *com* a lei – ele é tragado pelo automatismo do desejo, pairando em torno da mesma particularidade, traçando o limite da lei. Isso é uma morte em vida na medida em que a morte é o limite, ao passo que o que Badiou quer é o ilimitado, o universal, a pura gratuidade que não é limitada por restrição ou merecimento. O sujeito é pecador na medida em que se encontra em relação com a lei – porque para Badiou o pecado denota *a única relação possível com a lei*: o pecado “é aquilo de que a lei, e somente a lei, é capaz”¹⁹. Badiou quer distinguir o sujeito da salvação do sujeito pré-legal na medida em que este último não estava di-

vidido. O sujeito legal é constituído pela divisão entre a vida e a morte, que é sempre e tão somente produzida pela lei: “A lei distribui vida do lado do caminho da morte, e morte do lado do caminho da vida”.²⁰ O poder do sujeito é separado da vida e entregue à morte, separado do espírito (pensamento) e entregue à carne (parece que para isso se dá o nome de “pecado” como posição subjetiva, ao longo de todo esse capítulo). A lei como poder da morte é a força coerciva do mandamento, que torna impotente o pensamento através de sua aplicação automática da letra prescrita.

O pecado é a posição subjetiva do sujeito da lei; ele só pode ser superado saindo-se daquela sujeição para se tornar o sujeito da vida. O pensamento, estando inicialmente impotente sob a condição da lei, “não pode responder *inteiramente* pelo brutal recomeço no caminho da vida no sujeito, ou seja, pela conjunção redescoberta entre o pensar e o fazer”²¹ – algum evento contingente que “exceda a ordem do pensamento”, o que Badiou chama de Evento-Verdade, é necessário justamente para restabelecer o poder de “um pensamento ativo”. A palavra que Paulo usa para designar esse restabelecimento do poder do pensamento é “ressurreição”,

16 Ibid., p. 77.

17 Ibid., p. 79.

18 Ibid., p. 81.

19 Ibid., p. 83.

20 Ibid., p. 82.

21 Ibid., p. 84.

que “redistribui a morte e a vida para seus lugares, mostrando que a vida não ocupa necessariamente o lugar dos mortos”²². A lei – a lei da particularidade – é sempre e em toda parte o que matou o sujeito que se encontra necessitado de ressurreição, porque a lei era a única agência capaz de colocar a morte no lugar da vida e a vida no lugar da morte.

No capítulo seguinte, sobre “O amor como poder universal”, Badiou aumenta enfaticamente os riscos: “O evento de Cristo é essencialmente a abolição da lei, a qual não era outra coisa do que o império da morte”, e, assim, a observância continuada da lei equivale a negar a ressurreição (p. 86). Badiou explica aquelas afirmações em que Paulo parece favoravelmente disposto para com a lei propondo a existência de “uma lei transliteral, uma lei do espírito”²³, isto é, a lei do amor. O sujeito que é salvo da lei que mata “recupera a unidade viva do pensar e do fazer. Essa recuperação torna a própria vida uma lei universal.”²⁴ Embora Badiou esteja sustentando implicitamente que as afirmações de Paulo se aplicariam ao código legal de toda cultura, está claro que ele crê que o alvo primordial de Paulo é a lei de seu próprio povo e exclui

22 Ibid., p. 85.

23 Ibid., p. 87.

24 Ibid., p. 88.

a possibilidade de que Paulo pudesse, em princípio, dizer qualquer coisa positiva sobre a lei judaica – por exemplo, Badiou parece considerar a inclusão do mandamento do amor no Antigo Testamento como um acidente afortunado que Paulo explora para fins políticos²⁵, em vez de levar a sério a ideia de que “o amor é o cumprimento da lei”. De modo geral, Badiou visiona uma ruptura com a lei que permite uma superação da divisão do sujeito.

Em *O sujeito incômodo*²⁶, Žižek empreende uma crítica ampla do projeto filosófico de Badiou como um todo – e recomendo o capítulo dele sobre Badiou a qualquer pessoa que esteja procurando uma introdução clara e direta ao pensamento deste último sem ter de passar dificultosamente pela teoria dos conjuntos. O ponto em relação ao qual Žižek considera Badiou o mais questionável é a questão da lei em Romanos 7, e, como geralmente acontece, ele apresenta o problema da interpretação de Badiou fazendo referência à distância deste para com as duas autoridades primordiais de Žižek: Hegel e Lacan. A distância para com Hegel se encontra na insistência unilateral de Badiou na ressurreição, em contração à cruz; para Žižek, Badiou

25 Ibid., p. 89.

26 ŽIŽEK, Slavoj. *The Ticklish Subject: The Absent Core of Political Ontology*. New York: Verso, 1999.

dissocia radicalmente a morte e a ressurreição; elas não são a mesma coisa, não estão sequer dialeticamente interligadas. [...] Neste ponto Badiou é abertamente anti-hegeliano: não há dialética de vida e morte [...] O Evento-Verdade é simplesmente um Início radicalmente Novo.²⁷

Em termos da psicanálise lacaniana, isso pode ser expresso como uma dissociação radical da pulsão de morte e do Evento-Verdade. Essa é uma conexão natural não simplesmente porque Badiou traça contraposições paralelas entre a lei e a graça e a morte e a vida, porém, mais significativamente, por causa da forma como Badiou descreve a relação do sujeito pecaminoso com a lei – todas as suas referências a uma circulação contínua em torno da lei, a um automatismo do desejo, etc., visam claramente evocar a compreensão lacaniana da pulsão de morte.

Portanto, poder-se-ia dizer que para Badiou o problema em Romanos 7 é como escapar da lei e, com isso, da pulsão de morte. Žižek, recorrendo à leitura de Romanos 7 feita pelo próprio Lacan em seu seminário sobre *A ética da psicanálise*, sustenta que a situação é mais complexa do que isso – a questão não é escapar da lei como tal, mas de escapar de uma relação par-

ticular com a lei. Especificamente, para Žižek, “o problema com o qual São Paulo se debate é como evitar a armadilha da *perversão*, isto é, de uma lei que gera sua transgressão porque necessita dela para se afirmar como lei”²⁸. O perverso, segundo a psicanálise lacaniana, pode ser descrito usando-se um dito dos oponentes de Paulo: “Façamos o mal para que venha o bem”. Em termos mais técnicos, o perverso é o sujeito que crê saber o que o Outro quer e o faz – e assim isso gera uma dinâmica em que, a despeito do que a lei moral diz, o perverso *sabe* que a lei está, na verdade, induzindo-o furtivamente a violar a lei, talvez a fim de preservar a própria ordem legal em face de alguma ameaça maciça, mas talvez também simplesmente para dar à lei a oportunidade de exibir seu poder. Isso é o que Žižek chama, alhures, de “o suplemento do superego obscuro”, invocando um superego especificamente lacaniano que incentiva ativamente violações da lei, mas justamente para manter o poder da lei – e não a “consciência culpada” do freudismo popular.

O sujeito de Romanos 7 vê sua relação mais ou menos espontânea com a lei nesses termos e a entende – como o faria a psicanálise – como um problema. Em consonância com isso, Žižek pode dizer:

27 Ibid., p. 146.

28 Ibid., p. 148.

Portanto, o problema de São Paulo não é o mórbido problema moralista usual (como esmagar impulsos transgressivos, como finalmente me purificar de impulsos pecaminosos), mas exatamente o oposto: como posso sair desse ciclo vicioso da lei e do desejo, da proibição e de sua transgressão, dentro do qual só posso afirmar minhas paixões vivas sob o disfarce de seu oposto, como uma pulsão de morte mórbida?²⁹

Em outras palavras: como posso atingir o ponto de “um ‘Sim!’ positivo, plenamente subjetivado à minha vida?”³⁰. Ao passo que até então tinha aliado o Paulo de Romanos 7 com a psicanálise em contraposição a Badiou, agora Žižek parece concordar com Badiou (e a leitura de Paulo feita por Badiou) quanto a qual é o objetivo último. A questão que surge é se Lacan pode nos levar a esse ponto ou se ele para na análise do problema sem dar qualquer substituto positivo. Afinal, “a formulação [lacaniana] da possibilidade de uma relação [com a lei] que evite as armadilhas da inculpação do superego que responde pelo ‘mórbido’ desfrute do pecado” é o mandamento “não transija em relação a seu desejo”, onde o desejo não é transgressivo; “é, antes, a fidelidade ao próprio desejo da pessoa que é elevada ao nível do dever ético, de modo que ‘*ne pas ceder sur*

29 Ibid., p. 149.

30 Ibid., p. 150.

son désir’ é, em última análise, outra maneira de dizer ‘Cumpra seu dever!’”³¹.

Aqui ainda temos uma fórmula negativa sem orientação positiva – Lacan simplesmente “zera a conta”, abrindo espaço para o tipo de Evento-Verdade que Badiou (e o Paulo de Badiou) está exigindo. Entretanto, Žižek sustenta que esse zerar a conta ou essa disjunção da realidade social é uma condição necessária do Evento-Verdade e que é justamente essa disjunção que é apropriadamente chamada de pulsão de morte. Por conseguinte, Badiou não só está equivocado ao identificar a dinâmica em Romanos 7 com a pulsão de morte, mas também está equivocado ao ver a pulsão de morte como algo ruim e ao ver a negatividade como tão somente uma traição do Evento-Verdade. Žižek sustenta que essa negatividade da pulsão de morte é constitutiva do sujeito fiel e que só a pulsão de morte lacaniana pode nos permitir discernir um Evento-Verdade genuíno: “Lacan não é um relativista cultural pós-modernista: está claro que *há* uma diferença entre um Evento-Verdade autêntico e algo que pareça sê-lo, e essa diferença reside no fato de que num Evento-Verdade o vácuo da pulsão de morte, da negatividade radical, uma lacuna que suspende momentaneamente a Ordem do Ser, continua a ressoar”³².

31 Ibid., p. 153.

32 Ibid., p. 161-163.

Badiou pretende negar a necessidade dessa lacuna e seguir em frente como se a resposta ao Evento-Verdade fosse óbvia e direta – isso o coloca em oposição fundamental à posição filosófica de Žižek, ainda que Žižek venha a encontrar em Badiou um ponto de referência cada vez mais indispensável.

Enquanto a crítica de Žižek a Badiou em *O sujeito incômodo* é relativamente clara, sua posição sobre Paulo é ambígua – por um lado, ele correlaciona Romanos 7 com Lacan, mas, por outro, não esclarece se Paulo deveria ser entendido no sentido de que ele estaria exigindo um Evento-Verdade de um tipo žižekiano em vez de um tipo badiouano. Antes de Žižek se voltar explicitamente a essa questão em *A marionete e o anão* (2003), ocorre a interferência de dois livros que parecem mudar os termos do debate para ele, especificamente ao acrescentarem maior complexidade à questão da lei. O mais importante é o livro de Eric Santner intitulado *The Psychotheology of Everyday Life: Reflections on Freud and Rosenzweig* [A psicoteologia do cotidiano: reflexões sobre Freud e Rosenzweig]³³. O próprio Santner é altamente influenciado pela obra de Žižek, e isso parece ter tornado Žižek, compreensivelmente, mais aberto a essa leitura de

Rosenzweig, um pensador pelo qual, do contrário, parece ter tido pouco interesse. Sendo Santner uma das figuras mais citadas em *A marionete e o anão* (e não só por causa do livro sobre psicoteologia), as percepções que Žižek retoma da obra dele que são as mais relevantes para nossos fins são a ideia amplamente rosenzweigiana de que o judaísmo e o cristianismo necessitam um do outro e a afirmação de que o judeu devoto tipifica uma relação com a lei que evita a perversão ou o “suplemento do ego obscuro”³⁴. A compreensão de Santner a respeito do judaísmo e de sua relação com o cristianismo se torna o marco dentro do qual Žižek propõe “ler Paulo a partir do interior da tradição judaica”³⁵.

O segundo livro que interfere na discussão é *O tempo que resta*, de Agamben³⁶. Por causa dos caprichos das publicações acadêmicas, a tradução dessa obra para o inglês foi retardada até 2005, o que quer dizer que Žižek pôde, uma vez mais, apresentar aos leitores de língua inglesa o livro de um importante pensador europeu significativamente antes que ele estivesse disponível em

33 SANTNER, Eric. *The Psychotheology of Everyday Life: Reflections on Freud and Rosenzweig*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

34 Essa afirmação é repetida em *The Parallax View*, p. 427, nota 55.

35 ŽIŽEK, Slavoj. *The Puppet and the Dwarf: The Perverse Core of Christianity*. Cambridge: MIT Press, 2003, p. 10.

36 AGAMBEN, Giorgio. *The Time That Remains: A Commentary On The Letter To The Romans*. Trad. Patricia Dailey. Stanford: Stanford UP, 2005.

inglês, como fez com Badiou³⁷. O que Žižek toma do texto de Agamben é a divisão da lei em seu sentido e sua força e as formas pelas quais esses dois aspectos podem ser separados. No “estado de exceção” schmittiano, a força da lei permanece ativa, ao passo que seu sentido é suspenso, produzindo uma situação emergencial em que, literalmente, qualquer ato poderia ser punido como violação da lei. Agamben sustenta que, na compreensão paulina do evento messiânico, Schmitt é superado: a força da lei também é suspensa, deixando a lei inoperativa – ainda assim, ela é de algum modo cumprida na medida em que é puro potencial. Žižek parece aceitar esse esquema básico, mas traduz a diferença entre o sentido e a força da lei (ou a maneira como a lei opera sob o estado de exceção) para termos psicanalíticos como a diferença entre a lei em si e seu “suplemento do superego

37 Infelizmente, sua leitura de Agamben não parece ter sido tão cuidadosa quanto sua leitura de Badiou, produzindo ao menos dois erros de vulto: a saber, as afirmações de que Agamben está tentando sustentar que “Benjamin ‘repete’ Paulo” e de que ele (Žižek) é o primeiro a perguntar por que tanto Paulo quanto Benjamin são passíveis de leitura na atual situação política (2003, p. 108). Na verdade, este último aspecto é justamente o que Agamben propõe, e Agamben não vai além de sustentar que Benjamin inclui vários reflexos claramente paulinos em suas “Teses sobre a filosofia da história”. Embora esse erro, em minha opinião, não afete a estrutura geral do argumento de Žižek, ainda assim parece digno de menção.

obsceno”. O paralelo de Žižek para a segunda suspensão de Agamben, a suspensão da força da lei, é “o excesso de misericórdia sem proporção com o que mereço por meus atos”³⁸. Para Žižek, esse excesso de misericórdia acaba sendo reinscrito no âmbito da lei, de modo que os cristãos acabam de fato caindo na tentação da perversão (“Pequemos mais para que a graça superabunde”).

Essa referência para a frente, para o cristianismo, indica o que é distintivo na abordagem de Paulo proposta por Žižek – enquanto tanto Badiou quanto Agamben só estão interessados por Paulo “em si mesmo”, Žižek tenta entender Paulo como o momento em que vemos o cristianismo “em seu devir”, mais especificamente em seu surgimento a partir do judaísmo. Sua maneira de esquematizar esse surgimento implica dois tipos de lei e dois tipos de amor. Em termos do amor, o argumento é bastante claro – há o amor “pagão” pelos integrantes do grupo da própria pessoa e, por outro lado, o amor “cristão” que é universal. Em termos da lei, o aspecto que Žižek quer destacar é obscurecido pelo que me parece ser um erro no nível da superfície. Está claro, por um lado, que Žižek vê a lei questionada em Romanos 7 como a lei normal ou “pagã” que gera sua própria transgressão por meio do suplemento do superego obsceno.

38 ŽIŽEK, 2003, p. 110.

Estranhamente, Žižek sustenta, ao mesmo tempo, que a lei judaica “já é uma lei privada de seu suplemento do superego, não se baseando em nenhum apoio obsceno”, isto é, a postura judaica para com a lei é fundamentalmente aquilo que Paulo busca, mas ele também segue a tradição, existente há muito tempo, que sustenta que a lei judaica é “o principal alvo da crítica de Paulo”³⁹. O problema com essa contradição é óbvio: ela pressupõe que Žižek compreende a lei judaica melhor do que Paulo. Se perguntado, Žižek (assim me parece) quase certamente abandonaria a ideia de que o alvo principal de Paulo é a lei judaica, simplesmente porque não atribui qualquer peso interpretativo adicional a ela. Nesses termos, ele poderia facilmente sustentar que os intérpretes cristãos posteriores entenderam Paulo erroneamente quanto a esse aspecto justamente porque rejeitam a ansiedade da ausência de raízes que é introduzida ao se “desconectar” os pagãos de sua lei e dar-lhe a postura judaica “desenraizada” para com a lei⁴⁰. Na verdade, Žižek sustenta que o cristianismo necessita da “referência à lei judaica” porque somente isso “sustenta a noção cristã específica do amor que necessita de uma distância, que floresce com base nas diferenças, que não tem nada a

39 Ibid., p. 113.

40 Ibid., p. 119.

ver com qualquer tipo de apagamento de fronteiras e imersão na Unicidade”⁴¹.

Dito isto, agora talvez estejamos prontos para expor a lógica interna do argumento de Žižek em uma forma um tanto esquemática. O judaísmo representa uma postura “desconectada” para com a lei que Žižek valoriza, mas ela é combinada com uma forma “pagã” de amor que se vincula aos integrantes do grupo da própria pessoa. O Cristianismo Efetivamente Existente representa um amor universal que vai além das diferenças, mas se combina com uma forma “pagã” de lei que gera sua própria transgressão por meio do suplemento do superego obsceno. O que as cartas de Paulo nos apresentam é um momento frágil de surgimento, em que os pagãos são introduzidos diretamente na postura judaica “desconectada” para com a lei, não através da adesão à lei positiva da comunidade judaica, mas através da participação no amor para além da lei. Entretanto, tragicamente, é justamente esse “amor para além da lei” que necessariamente colapsa e volta para o suplemento do superego obsceno, gerando um retorno à postura pagã perversa para com a lei.

Em minha opinião, essa leitura tem muito a recomendá-la em comparação com a de Badiou. Em pri-

41 Ibid., p. 120.

meio lugar e antes de qualquer coisa, ela leva a sério a autocompreensão de Paulo como apóstolo para os gentios, mas justamente *a partir dos judeus*, ao passo que para Badiou a referência de Paulo ao judaísmo é superficial e instrumental. Em segundo lugar, embora na superfície ele siga o amplo consenso de biblistas no sentido de supor que Paulo sempre só use o termo “lei” para fazer referência à torá⁴², a lógica interna de seu argumento aponta para o fato de que não é possível sustentar essa univocidade do termo “lei” à luz do que Paulo está efetivamente dizendo em Romanos 7. Embora ele chegue a essa posição “desonestamente”, por meio de uma aplicação anacrônica da interpretação psicanalítica de Rosenzweig feita por Santner, sem grandes leituras detalhadas de textos particulares, e em meio a algumas inconsistências lógicas e *faux pas* geral, parece-me que, num nível muito básico, o argumento fragmentário de Žižek entende Paulo *corretamente* e abre caminhos promissores para o trabalho futuro sobre Paulo, o judaísmo e o cristianismo – e parte dele é efetivamente retomado pelo próprio Žižek em obras posteriores, mais notavelmente em *Visão em paralaxe*. Não há dúvida de que o livro de Agamben é, como

42 Cf., por exemplo, STOWERS, Stanley. *A Re-Reading of Romans: Justice, Jews, and Gentiles*. New Haven: Yale, 1994.

livro sobre Paulo, bem superior tanto ao de Badiou quanto ao de Žižek. Entretanto, a abordagem de Žižek no sentido de ler Paulo em relação ao cristianismo posterior tem o benefício de insistir que toda interpretação filosófica de Paulo e do cristianismo também precisa ser necessariamente uma interpretação do judaísmo, não como um prefácio histórico dispensável, mas como aquilo que o cristianismo trai constitutivamente.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *The Time That Remains: A Commentary On The Letter To The Romans*. Trad. Patricia Dailey. Stanford: Stanford UP, 2005.
- BADIOU, Alain. *St. Paul: The Foundation of Universalism*. Trad. Ray Brassier. Stanford: Stanford UP, 2003.
- LACAN, Jacques. *The Ethics of Psychoanalysis*. WWNorton, 1997.
- SANTNER, Eric. *The Psychotheology of Everyday Life: Reflections on Freud and Rosenzweig*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.
- STOWERS, Stanley. *A Re-Reading of Romans: Justice, Jews, and Gentiles*. New Haven: Yale, 1994.
- ŽIŽEK, Slavoj. *The Ticklish Subject: The Absent Core of Political Ontology*. New York: Verso, 1999.
- ŽIŽEK, Slavoj. *The Puppet and the Dwarf: The Perverse Core of Christianity*. Cambridge: MIT Press, 2003.
- ŽIŽEK, Slavoj. *The Parallax View*. Cambridge: MIT Press, 2006

Žižek e a tentativa radical de repensar a tradição cristã

Entrevista especial com Adam Kotsko

Por Márcia Junges

“A abordagem de Žižek vai contra a corrente dominante da teologia cristã, em que a doutrina da Trindade tem permitido aos teólogos afirmar que apenas uma das pessoas divinas se submeteu à provação da encarnação – isolando, portanto, o impacto da encarnação na vida divina”, pondera Adam Kotsko na entrevista que concedeu, por e-mail, à *IHU On-Line*. “A abordagem hegeliana que Žižek adota também difere da cristologia tradicional, que sustenta que Deus ressuscitou Cristo dos mortos pessoal e individualmente. Na interpretação hegeliana, ao contrário, o poder divino de Cristo é ‘ressuscitado’ como a nova forma de comunidade conhecida como o ‘Espírito Santo’”, destaca.

Kotsko afirma que o projeto de Žižek fornece suporte para outras tentativas radicais de repensar a tradi-

ção cristã, em especial nas diversas teologias da libertação. “Isso não quer dizer que esses teólogos ‘precisem’ de Žižek, mas sim que a obra de Žižek poderia direcionar os teólogos da linha principal em direção a um trabalho mais criativo e radical do que o que está sendo feito.”

Adam Kotsko, teólogo e escritor, é professor assistente de Ciências Humanas no Shimer College, em Chicago. Ele é conhecido como intérprete do pensamento de *Giorgio Agamben* e *Slavoj Žižek*. É autor de *Žižek and Theology* (2008), *Politics of Redemption: The Social Logic of Salvation* (Cambridge, James Clarke and Co, 2010), *Awkwardness* (Ropley: Zero Books, 2010) e *Why We Love Sociopaths: A Guide to Late Capitalist Television* (Ropley: Zero Books, 2012).

Confira a entrevista.

***IHU On-Line* – Em geral, quais são as formulações fundamentais de Žižek sobre o campo da teologia?**

Adam Kotsko – Žižek interpreta o cristianismo em linhas hegelianas, como uma encenação da morte de Deus. Sua abordagem é semelhante à de Thomas Altizer⁴³, cuja declaração da morte de Deus causou polêmica significativa nos Estados Unidos na década de 1960. A alegação básica é que, quando Deus se encarnou em Cristo, essa foi uma decisão total e irreversível para esvaziar-se em Cristo – e assim, quando Cristo morreu na cruz, Deus morreu verdadeira e irreversivelmente, esvaziando-se no mundo.

***IHU On-Line* – Qual é a peculiaridade de sua abordagem?**

Adam Kotsko – A abordagem de Žižek vai contra a corrente dominante da teologia cristã, em que a doutrina da Trindade tem permitido aos teólogos afirmar que apenas uma das pessoas divinas se submeteu à prova

ção da encarnação – isolando, portanto, o impacto da encarnação na vida divina. Do ponto de vista ortodoxo, é correto dizer que “Deus está morto” em vista da morte de Cristo, mas, em um sentido mais importante, Deus “sobreviveu” mesmo quando Cristo foi sepultado no túmulo.

A abordagem hegeliana que Žižek adota também difere da cristologia tradicional, que sustenta que Deus ressuscitou Cristo dos mortos pessoal e individualmente. Na interpretação hegeliana, ao contrário, o poder divino de Cristo é “ressuscitado” como a nova forma de comunidade conhecida como o “Espírito Santo”. Aqui, no entanto, Žižek difere de Hegel na medida em que ele vê o “Espírito Santo” não como uma forma de vida institucional (como a Igreja Católica), mas sim fundamentalmente como uma nova forma de vida juntos.

***IHU On-Line* – Em que sentido são as obras de Žižek, especialmente as mais antigas, relevantes para o debate teológico atual?**

Adam Kotsko – Eu vejo muitos teólogos divididos entre dois desejos. Por um lado, eles reconhecem que as categorias filosóficas gregas, através das quais os primeiros padres da Igreja interpretaram o evangelho, não eram as mais adequadas e, de certa forma, acabaram distorcendo a mensagem cristã. Por outro lado, porém, eles

⁴³ **Thomas Jonathan Jackson Altizer** (1927): teólogo estadunidense, atualmente professor da Emory University, em Atlanta. Tornou-se conhecido mundialmente a partir de um artigo publicado pela revista *Time* com o título *Christian Atheism: The “God Is Dead” Movement* (Ateísmo cristão: o movimento ‘Deus está Morto’). (Nota da *IHU On-Line*)

querem permanecer fiéis às doutrinas ortodoxas que surgiram a partir dessa conceitualidade. Karl Barth⁴⁴ é uma figura emblemática desse conflito – ele afirma oferecer uma nova base radical para a doutrina cristã e, mesmo assim, sempre acaba essencialmente nas mesmas respostas que a ortodoxia sempre apresentou.

Nesse contexto, penso que a abordagem de Žižek representa uma maneira de sair desse impasse, na medida em que a interpretação hegeliana do cristianismo atende à lógica inerente da encarnação, sem se incomodar com pressupostos filosóficos como a imutabilidade de Deus. Em certo sentido, Hegel, Altizer e Žižek podem representar uma tentativa real de seguir a afirmação de Paulo de não conhecer nada a não ser Cristo crucificado.

A partir de outra direção, acredito que o projeto de Žižek fornece suporte para outras tentativas radicais de repensar a tradição cristã – particularmente nas diversas teologias da libertação. Isso não quer dizer que esses teólogos “precisem” de Žižek, mas sim que a obra de Žižek

44 **Karl Barth** (1886-1968): teólogo cristão protestante, pastor da Igreja Reformada e um dos líderes da teologia dialética e dos pensamentos neo-ortodoxos. Lecionou teologia em Bonn, Alemanha, mas, em 1935, recusou-se a apoiar Adolf Hitler e teve que deixar o país, retornando à Basileia. Tornou-se um dos líderes da Igreja Confessante, grupo oposto ao Movimento Cristão Alemão. Foi o principal redator da Declaração Teológica de Barmen. (Nota da *IHU On-Line*)

poderia direcionar os teólogos em direção a um trabalho mais criativo e radical do que o que está sendo feito.

IHU On-Line – Em que sentido a argumentação de Žižek sobre este assunto é complexa e incomum?

Adam Kotsko – Um desafio para os teólogos que querem ler Žižek é a importância de Lacan para o seu projeto. Embora a leitura de Hegel por Žižek seja um tanto peculiar, Hegel é pelo menos familiar para a maioria dos teólogos – Lacan, por outro lado, é um ponto de referência menos frequente e é, em muitos aspectos, mais difícil de abordar, uma vez que usa muitos dos seus próprios jargões e símbolos para desenvolver os seus conceitos. Eu tento dar alguma orientação do pensamento laciano no meu livro, de modo que as pessoas possam, ao menos, saber por onde começar.

IHU On-Line – Como podemos compreender a afirmação de Žižek que, para se tornar uma verdadeira dialética materialista, o indivíduo precisa passar pela experiência cristã? Isso não é uma postura paradoxal dele?

Adam Kotsko – Žižek entende a experiência cristã em termos da morte de Deus. Para ele, o cristianismo é a forma mais radical de ateísmo, na medida em que até o próprio Deus se torna um não crente no grito de

abandono de **Cristo na cruz**. Isso difere de outras formas de ateísmo ou ceticismo, porque Žižek acredita que a maioria das pessoas que negam um deus particular ainda acredita em outra coisa que preenche o mesmo papel. Um cientista, por exemplo, geralmente acreditará em algo como as leis da natureza, ou um comunista acreditará nas leis da necessidade histórica. Só a experiência cristã de um Deus que não acredita em si mesmo fornece a garantia de que não seremos capazes de contrabandear um novo ídolo para tomar o lugar do deus antigo.

A experiência cristã é, portanto, a experiência do esvaziamento inegável e irrevogável de todo significado ou propósito transcendente – de todo “significante principal”, em termos lacanianos. A partir da perspectiva cristã tradicional, isso pode parecer contraditório ou estranho, mas, a partir da própria perspectiva de Žižek, não parece certo chamar isso de paradoxal.

***IHU On-Line* – Como podemos entender o fato de que Žižek está interessado no potencial emancipatório oferecido pela teologia cristã?**

Adam Kotsko – Žižek acredita que o total esvaziamento do significado transcendente é necessário para abrir a possibilidade da liberdade real. Para ele, morte e ressurreição representam o movimento de se distanciar com-

pletamente da ordem presente e de se colocar a trabalhar para construir algo novo.

***IHU On-Line* – Como Žižek analisa a filosofia continental e o futuro da teologia cristã a partir do legado de Paulo de Tarso? Qual é a significância de Paulo nesta perspectiva?**

Adam Kotsko – Para Žižek, as comunidades cristãs de Paulo são um modelo de distanciamento da ordem atual – ou, como Žižek afirma em *A Marioneta e o Anão* (Lisboa: Relógio D’Água, 2006), “desligar-se” da força da lei. Onde muitos intérpretes acreditam que Paulo é um oponente à lei judaica, Žižek afirma que Paulo está tentando dar aos gentios o acesso à postura distintamente judaica com relação à lei. Nessa perspectiva, a famosa discussão de Paulo sobre a lei incitando a sua própria transgressão em Romanos 7 não está falando sobre a lei judaica, mas sim sobre as atitudes distintamente pagãs com relação à lei. Paulo está tentando dar aos seus seguidores gentios uma maneira de sair do ciclo vicioso que ele descreve ali.

Isso é relevante para os dias de hoje, na medida em que Žižek vê a cultura contemporânea como a incorporação de uma espécie de lei que incita a sua própria transgressão – tudo tem que ser “subversivo” e “irreverente”. As pessoas não se sentem culpadas por

terem relações sexuais, mas por não fazer sexo o suficiente. Nesse contexto, a rebelião contra as normas sociais torna-se sem sentido. É preciso uma postura completamente diferente que rompa a dicotomia entre obediência e rebelião, e é isso que Paulo oferece na visão de Žižek.

***IHU On-Line* – Até que ponto Pascal, Kierkegaard e Chesterton são pensadores importantes na postura teológica do filósofo esloveno?**

Adam Kotsko – Essa é uma área em que eu acredito que Žižek tem sido mal interpretado. Muitos leitores veem o seu uso desses pensadores, particularmente **Chesterton**⁴⁵, como um endosso. Na realidade, porém, o seu objetivo final é mostrar que eles não vão longe o suficiente.

Ele gosta do estilo hegeliano de Chesterton, por exemplo, mas vê o catolicismo de Chesterton como uma traição do evangelho que retorna à abordagem pagã da lei e da transgressão. Semelhantemente, embora Pascal⁴⁶

e Kierkegaard⁴⁷ forneçam intuições muito reais, ele quer ir além deles, porque eles não dão o passo seguinte de aceitar a morte de Deus.

***IHU On-Line* – Quais são os principais pontos do debate entre Žižek e John Milbank, teólogo in-**

desconhece, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota da *IHU On-Line*)

- 47 **Soren Kierkegaard** (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Victor Eremita, Johannes de Silentio, Constantín Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus e Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e o que viria a ser posteriormente o existencialismo. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O Conceito de Ironia* (1841), *Temor e Tremor* (1843) e *O Desespero Humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista Paulo e Kierkegaard, realizada com Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10-04-2006, da *IHU On-Line*, disponível em <http://bit.ly/dyA7sR>. A edição 314 da *IHU On-Line*, de 09-11-2009, tem como tema de capa A atualidade de Soren Kierkegaard, disponível em <http://bit.ly/16NUWDp>. Leia, também, uma entrevista da edição 339 da *IHU On-Line*, de 16-08-2010, intitulada Kierkegaard e Dogville: a desumanização do humano, concedida pelo filósofo Fransmar Barreira Costa Lima, disponível em <http://bit.ly/9Zvufy>. Em 13-05-2013 a *IHU On-Line* teve como matéria de capa Kierkegaard – 200 anos depois, disponível em <http://bit.ly/14jJ3l8>. (Nota da *IHU On-Line*)

45 **Gilbert Keith Chesterton** (1874-1936): escritor britânico, crítico e autor de versos, ensaios, novelas e histórias. (Nota da *IHU On-Line*)

46 **Blaise Pascal** (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: o coração tem razões que a própria razão

glês, anglicano (autor de *Teologia e Teoria Social: Para além da razão secular*. São Paulo: Loyola, 1995) em “A Monstruosidade de Cristo: Paradoxo ou Dialética”?

Adam Kotsko – O encontro entre Žižek e Milbank é o encontro entre a abordagem hegeliana da morte de Deus e a ortodoxia tradicional. O debate foi produtivo na medida em que permitiu a Žižek desenvolver sua crítica à teologia tradicional, especialmente sobre a doutrina da Trindade, e refletir sobre a ética implícita em sua posição, mas ambos os ensaios dos autores foram tão longos e cheios de tantas divagações, que era quase impossível discernir qualquer debate real.

Para mim, o maior benefício desse debate foi que ele permitiu a Žižek traçar uma clara linha na areia. Os seguidores de Milbank, por vezes, viram Žižek como um de seus aliados naturais para o seu projeto de Ortodoxia Radical, mas Žižek declara que a visão de Milbank – que está centrada na fuga dos problemas da modernidade ao reafirmar a autoridade hierárquica e os valores da família tradicional – é como um “fascismo leve”. Ele também deixa claro que vê o anglo-catolicismo de Milbank, assim como o catolicismo de Chesterton, como uma volta à postura pagã com relação à lei e à transgressão.

IHU On-Line – Em que medida o debate entre esses dois pensadores aprofunda o diálogo entre fé e razão?

Adam Kotsko – Em minha opinião, o debate foi uma decepção. Žižek e Milbank estão simplesmente muito distantes para que surja uma tensão verdadeiramente produtiva. Muito mais interessante, para mim, é o confronto ocorrido entre Žižek e Terry Eagleton⁴⁸ no livro *Theology and Marxism in Eagleton and Žižek: A Conspiracy of Hope* (New York: Palgrave Macmillan, 2012), de Ola Sigurdson. Um confronto com um teólogo menos tradicional, como Jürgen Moltmann⁴⁹ ou Catherine

48 **Terry Eagleton** (1943): filósofo e crítico literário britânico identificado com o marxismo. Seu livro mais conhecido é *Teoria da literatura: uma introdução* (1983, rev 1996), em que traça a história do estudo de texto contemporâneo desde os românticos do século XIX até os pós-modernos das últimas décadas. Apesar de permanecer identificado com o marxismo, o autor se mostra simpático a desconstrução e outras teorias contemporâneas. (Nota da IHU On-Line)

49 **Jürgen Moltmann** (1926): professor emérito de Teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen. Um dos mais importantes teólogos vivos da atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a Teologia da Libertação. É autor de *Teologia da Esperança*, São Paulo: Herder, 1971 e *O Deus Crucificado. A cruz de Cristo, fundamento e crítica da teologia cristã, Deus na Criação. Doutrina Ecológica da Criação*. Vozes: Petrópolis, 1993, entre outros. Confirma a entrevista de Jürgen Moltmann, um dos maiores teólogos vivos,

Keller, também teria sido mais interessante. Entre Žižek e Milbank, porém, houve mais do que apenas um encontro perdido. Žižek ainda não encontrou um interlocutor teológico que possa desafiá-lo de uma maneira produtiva – e espero que alguém se levante para preencher esse

papel, porque é muito raro que um filósofo contemporâneo tenha qualquer interesse na teologia contemporânea. Eu não acho que sou a pessoa certa para o trabalho, mas espero que, no meu livro, eu tenha ajudado a abrir espaço para que tal encontro ocorra.

na *IHU On-Line* n° 94, de 29-03-2004. Desse autor a Editora Unisinos publicou o livro *A vinda de Deus. Escatologia cristã*. São Leopoldo, 2003. O professor Susin apresentou o livro *A Vinda de Deus: Escatologia Cristã*, de Jürgen Moltmann, no evento Abrindo o Livro do dia 26 de agosto de 2003. Sobre o tema, confira na *IHU On-Line* número 72, de 25-08-2003, a entrevista do Prof. Dr. Frei Luiz Carlos Susin. A edição 23 dos *Cadernos Teologia Pública*, de 26-09-2006, tem como título *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann*, de autoria de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves. (Nota da *IHU On-Line*)

Cadernos Teologia Pública: temas publicados

- N. 1 – *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- N. 2 – *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- N. 3 – *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 – *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 – *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 – *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 – *Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 – *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 – *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 – *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 – *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 – *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 – *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 – *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 – *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 – *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 – *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 – *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 – *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel

- N. 22 – *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- N. 23 – *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 – *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 – *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 – *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 – *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 – *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 – *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 – *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 – *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 – *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 – *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 – *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 – *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 – *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 – *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 – *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 – *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 – *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 – *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 – *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 – *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 – *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 – *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 – *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 – *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 – *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels

- N. 49 – *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 – *“Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 – *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 – *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 – *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 – *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 – *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 – *Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum”* – Andrea Grillo
- N. 57 – *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 – *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 – *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 – *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 – *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 – *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 – *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 – *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 – *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 – *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 – *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 – *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 – *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislando Nóbrega de Lima
- N. 70 – *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 – *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 – *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 – *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 – *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haigh
- N. 75 – *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan

- N. 76 – *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 – *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 – *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
- N. 79 – *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*
- N. 80 – *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades* – André Wénin
- N. 81 – *Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II* – Victor Codina
- N. 82 – *O lugar da mulher nos escritos de Paulo* – Eduardo de la Serna
- N. 83 – *A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel* – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 – *O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota”* – Renato Ferreira Machado
- N. 85 – *Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica* – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 – *Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II* – Peter C. Phan
- N. 87 – *O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25* – André Wénin



Adam Kotsko é teólogo, escritor e professor assistente de Ciências Humanas no Shimer College, em Chicago. É conhecido como intérprete do pensamento de *Giorgio Agamben* e de *Slavoj Žižek*, assim como por seus escritos sobre cultura popular norte-americana. Traduziu três livros de Agamben para a língua inglesa (*The Sacrament Language: an archaeology of the oath*; *The Highest Poverty*; e *Opus Dei: an archaeology of duty*).

Algumas obras do autor

KOTSKO, Adam. *Why We Love Sociopaths: A Guide to Late Capitalist Television*. Ropley: Zero Books, 2012.

_____. *Politics of Redemption: The Social Logic of Salvation*. Cambridge: James Clarke and Co, 2010.

_____. *Awkwardness*. Ropley: Zero Books, 2010.

_____. *Žižek and Theology*. Nova York: T&T Clark, 2008.

Outras contribuições

DICKINSON, Colby. KOTSKO, Adam. *Agamben e o repensar da teologia a partir de seus fundamentos: entrevista [15.09.2013]*. Revista *IHU On-Line*. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Entrevista concedida a Márcia Rosane Junges.